

## “É no final da corda velha que a nova é tecida”: o Pequeno Museu da Récade

David Gnonhouévi e  
Romuald Tchibozo

### Introdução

Inaugurado em 1º de dezembro de 2015 no distrito de Lobo-zounkpa, perto de Cotonou, o *Petit Musée de la Récade* (Pequeno Museu da Récade) é o único museu dedicado às *récades*, cetros emblemáticos do poder dos reis do antigo Daomé. O edifício do Museu é bastante majestoso. Suas linhas limpas e as aberturas de vidro que permitem filtrar a luz do dia sobre as coleções lhe dão um aspecto resolutamente contemporâneo. A entrada, levantada por três degraus, evoca os contornos de um trono real.

O museu e o Centro de Arte Contemporânea que o abriga (chamado *Le Centre*, inaugurado em fevereiro de 2015) têm uma outra característica simbólica em comum: ambos foram criados graças ao mecenato conjunto de Robert Vallois e do *Collectif des Antiquaires de Saint-Germain des Prés* (Coletivo de Antiquários de Saint-Germain des Prés). A ideia de criar um espaço para a arte contemporânea e o *Petit Musée de la Récade* no mesmo prédio nasceu do encontro entre Dominique Zinkpè, artista visual beninense muito conhecido no cenário internacional, e Robert Vallois, antiquário especializado em móveis dos anos 30 e amante da arte africana, que abriu uma galeria de arte contemporânea em Paris em 1983 (com dois espaços de exposição na *Rue de Seine 33 e 36*).

Por ocasião da abertura do museu em 2015, Vallois e sua esposa entregaram as *récades* em marfim dos reis Behanzin e Glélé, as peças mais majestosas da coleção, nas mãos do Presidente Nicéphore Soglo e seu filho Ganiou Soglo, príncipe herdeiro de Daomé. Esse gesto altamente simbólico materializou o retorno à terra ancestral das obras da herança beninense das coleções ocidentais. A simultaneidade desta restituição e a abertura do Centro de Arte Contemporânea abriu um diálogo entre dois momentos históricos, um diálogo que está no coração desse projeto cultural e artístico: por um lado, o passado, representado por objetos culturais e artísticos, e por outro, o período contemporâneo marcado pela presença de artistas internacionais.



Il. 1. Le Petit Musée de la Récade, vista parcial © Le Petit Musée de la Récade



Il. 2. Le Petit Musée de la Récade, vista parcial © Le Petit Musée de la Récade

Além dos espaços criativos, o Centro possui salas de exposição, onde o público pode descobrir as obras criadas pelos moradores, e um espaço cênico para encontros e debates entre os atores do mundo da arte e o público. Essa abertura ao público é completada por um café, um espaço para a sociabilidade em um ambiente animado e mais íntimo.

## Criação e abertura ao cenário internacional

O Centro é um lugar dedicado à criação contemporânea, à educação artística e à valorização do patrimônio cultural beninense. Graças ao apoio da Galeria Vallois, do Coletivo de Antiquários de Saint-Germain-des-Prés e da ONG *Hospitalité et Développement* (L'HeD), o Centro cresceu rapidamente. Sua vocação é ser um lugar de trabalho, encontros e confrontos artísticos entre artistas do Benin, da África e do mundo inteiro. Ele responde à necessidade de desenvolver a prática artística no Benin e de tornar os artistas locais e africanos conhecidos no cenário internacional. A abertura a artistas de todo o mundo também é necessária, porque os artistas que vivem no continente africano estão relativamente isolados<sup>1</sup> ou não estão suficientemente conscientes da dinâmica nos museus e espaços de exposição mundiais. É importante, portanto, trazer artistas de outras culturas, especialmente da Europa. Daí a ideia de oferecer residências de um mês a diferentes artistas, do Benin e de outros lugares. Essas residências são momentos de intercâmbio, conscientização e confiança; elas estão totalmente de acordo com os objetivos do Centro.

De acordo com Dominique Zinkpè, "os artistas africanos têm orgulho de sua herança artística ancestral, mas querem sair do olhar etnográfico e entrar em espaços de exposição e em lugares dedicados à arte contemporânea".<sup>2</sup> O primeiro objetivo do Centro é posicionar a arte africana contemporânea no cenário internacional. Ele se define como um laboratório que oferece a artistas de todas as origens um lugar para trabalhar e refletir. Três espaços de criação de 25 m<sup>2</sup> cada, localizados perto das residências, os acolhem.

O Centro, reconhecido em escala nacional e internacional, tornou-se um espaço incontornável na paisagem cultural do Benin. Além de sua evidente especialidade em arte contemporânea, ele está aberto a todas as formas de expressão artística. Estabelece um programa de residência para apoiar a produção artística em toda sua diversidade, assim como a profissionalização dos artistas. As residências lhes oferecem uma estrutura adequada para o encontro e intercâmbio, importante em particular para artistas emergentes e beninenses, o mais próximo possível do processo de criação artística. Eles e elas se beneficiam de um ambiente de trabalho privilegiado, graças aos espaços e ferramentas colocados à sua disposição, o que lhes permite renovar seus métodos de criação, produção e transmissão. O Centro organiza de quatro a cinco residências a cada ano. Um comitê composto por críticos de arte, historiadores de arte, artistas estabelecidos e jornalistas seleciona os artistas de acordo com seu talento, qualidade artística e origem: um artista beninense vivendo e trabalhando no Benin, um artista do continente africano e um outro artista trabalhando/vivendo fora do continente africano. Os artistas são livres para trabalhar sozinhos ou em grupo, para confrontar ou não suas práticas. Uma vez lá, eles têm a possibilidade de descobrir os tesouros do Pequeno Museu da *Récade*, mas também podem ir e descobrir o bairro de Lobo-zoukpa, onde está localizado o Centro, ou ir à cidade para se impregnar da realidade urbana. Alguns, entretanto, preferem permanecer no conforto do Centro, e limitar-se a ir e vir entre seu estúdio, sua oficina, o bar-restaurante e o jardim de esculturas; todos podem

1 Galeria Vallois (2015 : 21).

2 Ibid.

conversar com os outros convidados para construir um projeto coletivo para o qual cada um contribuirá no seu meio e com suas próprias técnicas. A biblioteca, dotada de conexão à internet e rica em literatura africana e obras sobre teorias decoloniais, a história de Daomé, história da arte e temas artísticos contemporâneos, fornece uma poderosa ferramenta para a criação artística.

Cada residência culmina em uma exposição das obras produzidas durante esse período, com duração de até três meses. Mas o diálogo cultural e artístico iniciado entre os artistas e o público continua para além do Centro no cenário internacional. Em 2017, a Galeria Vallois, seu principal patrocinador, criou um programa de mobilidade chamado Cotonou-Paris-Cotonou, com o objetivo de expor os artistas após sua residência em Paris e em exposições internacionais.<sup>3</sup> Por outro lado, ela expõe regularmente artistas beninenses ou artistas com laços especiais com o Benin. Entre eles, grandes nomes como Dominique Zinkpè, Gérard Quenum, Tchif e artistas emergentes como o ceramista King Houndékpinkoun, o performer Prince Toffa, os escultores Marius Dansou e Benjamin Déguénon ou os pintores e desenhistas Makef e Didier Viodé. Os artistas não beninenses que fizeram residências no Centro também encontram visibilidade em Paris e em grandes exposições.

## Mediação artística

O Centro colocou a ação educacional no centro de suas missões. Tornar a arte contemporânea acessível ao povo do distrito de Lobozone é, portanto, uma prioridade. São-lhes oferecidas visitas guiadas, conduzidas por um mediador cultural, tanto no Petit Musée de la Récade como nas exposições temporárias, que frequentemente ecoam as realidades da sociedade beninense e os acontecimentos atuais no mundo. Durante essas visitas, muito tempo é gasto trocando e compartilhando sentimentos sobre as obras. O público alvo são as crianças, especialmente crianças em idade escolar e estudantes universitários, pois são a próxima geração da sociedade beninense. O(a) mediador(a) cultural também visita escolas e convida os alunos e seus professores a fazer uma visita guiada gratuita ao Centro e ao Petit Musée de la Récade, a fim de desenvolver sua sensibilidade artística. Crianças em idade escolar, alunos, universitários e pesquisadores também têm acesso à biblioteca.

A educação artística está praticamente ausente do ensino escolar no Benin. O Centro tenta contribuir para o despertar da curiosidade e a sensibilização para a arte. Graças às intervenções dos(as) mediadores(as), as crianças em idade escolar vêm para ver as exposições. Essas visitas desenvolvem sua curiosidade e seu apetite pela cultura, e até mesmo despertam sua vocação artística. Alguns artistas dirigem uma oficina para jovens, onde compartilham seus conhecimentos e habilidades com as crianças locais. Em uma oficina chamada *work in progress*, os artistas explicam suas ideias e abordagens artísticas para o público que vem às suas oficinas. De fato, a ação realizada pelo Centro vai além do estrito âmbito cultural. O público chega a entender que o artista

<sup>3</sup> Entre 2015 e 2017 foram convidados: Rémy Samuz, Natanaël Vodouhè, Sébastien Niko, Charly d'Almeida, Théodore Dakpogan, Stéphane Pencreac'h, Christelle Yaovi, King Houndékpinkoun, especialista em cerâmica, Aston, Zanfanfanhouédé, Gratién Zossou Edwige Apolgan, Psychoffi, Meschac Gaba (todos beninenses); e Bruce Clarke (sul-africano); Olga Luna, peruana, Vincent Bredif, Jean-Baptiste Janisset, Jeremy Guillon (francês); Daphné Bitchatch (belga); A-Sun Wu e Paloma Chang (chinês); Nazanin Pouyandeh (ucraniano). Em 2017, a Vallois participou da *Feira de Arte de Paris* e da AKAÁ (também conhecida como África).

está interessado em fatos sociais e políticos, em outras palavras, na vida em todas as suas facetas. A residência - o trabalho, a vida no lugar de criação, exposições e estudos - dá aos artistas a possibilidade de envolver as crianças de Lobo-zoukpa que vêm para ajudá-las depois da escola e assim descobrir sua paixão. Por sua vez, os artistas experimentam pelo menos tanta satisfação quanto as crianças. No dia da abertura da exposição, muitas crianças estão presentes e orgulhosas de ver as obras para as quais contribuíram. É uma experiência extraordinária para estas crianças de uma área desfavorecida. O vernissage marca o fim da residência; após uma cerimônia sóbria, o público descobre as obras produzidas e pode ter uma troca final com os artistas.

## O Pequeno Museu da Récade: patrimônio e criação contemporânea

### O patrimônio

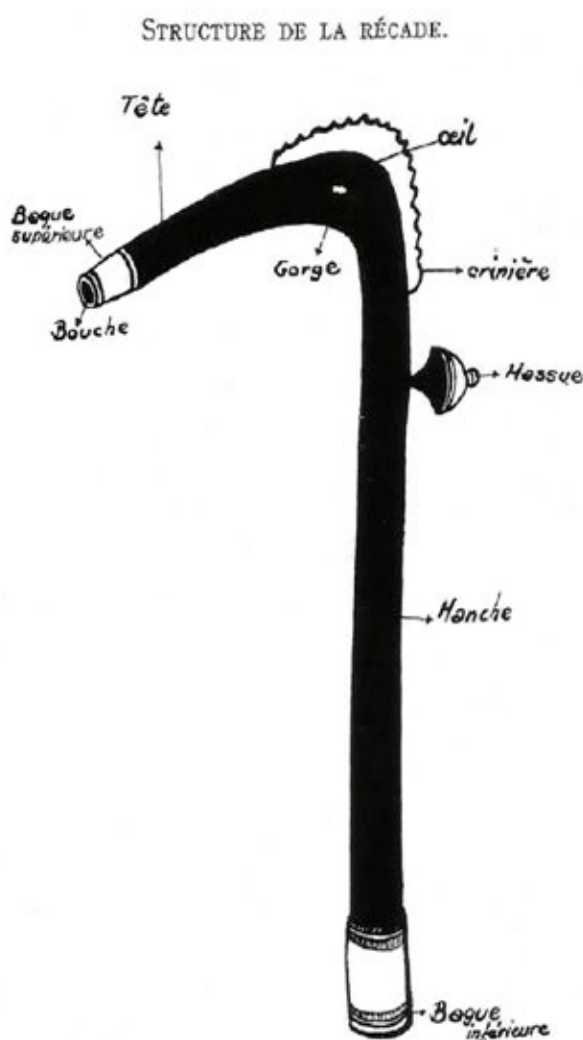
O Museu da Récade é um importante espaço de reflexão para o funcionamento e influência do Centro. Sua integração ao Centro torna ainda mais tangível a importância dada à educação e a interdependência da história, da cultura e da criação artística e artesanal. O museu possui uma coleção de noventa e nove *récades* tradicionais e algumas esculturas antigas, mas também cerca de vinte *récades* contemporâneas. Desde a abertura do museu em 2015, foram feitos dois confrontos didáticos; o primeiro aconteceu na abertura do museu, o segundo em janeiro de 2020.

O confronto, didático e cronológico, permite descobrir a história do antigo reino de Daomé de forma coerente, começando pela *récade*, um símbolo de poder e autoridade. A organização política, econômica, social, religiosa e militar do reino era complexa; seu nome chegou à sociedade beninense contemporânea, porque parte da população ainda se identifica com esse reino. Danxomè (Daomé) significa "na barriga de Dan". Segundo a tradição oral, foi fundada por Houégbadja, o primeiro soberano, após matar um chefe local chamado Dan. Estabelecidos no planalto de Abomey, os Alladahonou tomaram o controle do país. Sob seu governo, o país cresceu. Eles conseguiram dar aos reinos unificados uma organização solidamente estruturada e uma administração hierarquizada, defendida por um exército permanente de guerreiros poderosos chamados Blu e Amazonas, chamadas Agododjé. Os reis viveram no esplendor e na opulência de palácios que se estendem por mais de 40 hectares. Eles mantiveram um grupo de artesãos exclusivamente responsáveis pela confecção dos objetos cerimoniais que fizeram o esplendor da corte. Cada comércio era realizado por especialistas e transmitido de pai para filho.

As famílias Yêmadjè fizeram os trajes reais e os tecidos aplicados que contam as histórias do reino sobre os grandes guarda-sóis e tangas destinados ao uso do rei. Os Zinflou e os Hantan fizeram tecidos para as cerimônias religiosas. Os Djotowou, artífices do couro, fizeram sandálias, insígnias reais. Os Hountondji, ferreiros e mestres do metal, trabalharam com ferro e fizeram joias de bronze, prata e ouro, assim como os attoja, os sinos de cobre usados para decorar tambores. Os Agbozo cinzelavam ou pirografavam grandes cabaças que continham alimentos e bebidas para o serviço de altos dignitários ou europeus que visitavam o reino. Os Allagbe fixavam alegorias nas *récades*. Como eles, os Assogbakpé modelavam os baixos-relevos e davam às

suas imagens uma linguagem que permanecia misteriosa para os daomeanos comuns. Mais do que o medo da punição, os favores que o rei atribuía à prática das artes e a esperança de grandes recompensas - notadamente a atribuição de feudos, depois de escravos, os serviços livres de curandeiros, o enobrecimento através do casamento com uma princesa - todos esses privilégios reais tiveram a feliz consequência de fazer florescer novamente as artes do reino, enquanto desenvolviam nos artesãos uma extraordinária habilidade e consciência profissional.

Entre as muitas manifestações da arte do Daomé está a *récade*. Embora não seja o gênero mais representativo da arte beninense, é, no entanto, um tipo de arte profana funcional, uma raridade na arte tradicional africana, que é geralmente considerada de inspiração religiosa. O interesse do estudo das *récades* reside no fato de que elas constituem, em certa medida, um resumo da história do reino de Daomé. Suas imagens e simbolismo nos permitem imaginar, hoje, como era a vida na corte antes da ocupação francesa (1894-1960), mas também nos informam sobre alguns aspectos da mentalidade de nossos antepassados. Os objetos legados à posteridade nos permitem compreender a vida e a organização política, social, religiosa e militar do reino antes da colonização francesa. Eles constituem, em certa medida, um resumo da história do Daomé. De certa forma, portanto, a *récade* dá acesso à alma africana. Cada um de seus atributos é de fato um ideograma ou expressão alegórica de uma ideia, de um fato ou de um evento importante. É uma forma original de fixar e transmitir pensamentos ou sentimentos. Além disso, ela nos dá os lemas dos reis ou de pessoas importantes que as usavam.



Il. 3. Estructura de uma *récade* clássica (de esquerda à direita) : anel superior, cabeça, garganta, olho, crina, taco, cabo, anel inferior.

Diz-se que teve origem durante o reinado do primeiro governante, Rei Ouégbadja (1650-1680)<sup>4</sup>. Sua forma é derivada de uma madeira dobrada, a enxada primitiva. A tradição oral nos diz que os fazendeiros designados para o serviço do rei foram surpreendidos no meio de seu trabalho nos campos por muitos inimigos. A fim de se defenderem, eles removeram o ferro da enxada, engajaram-se no combate e conseguiram derrotar os invasores apenas lutando com esta arma improvisada, o cabo da enxada. Após esta vitória histórica, a ferramenta foi incluída nas armas de guerra do reino. Mais tarde, alegorias, brasões ou emblemas dos reis começaram a ser esculpidos ou fixados em um bastão mais ou menos dobrado em uma de suas extremidades, para comemorar os fatos proeminentes do reino de Daomé. A palavra *récade* vem do português *recado*, que significa mensagem.<sup>5</sup> A *récade* serve para autenticar o *recadère*, o portador da *récade* ou o mensageiro. Junto com o trono, o grande guarda-sol e as sandálias, ela constitui um distintivo de comando e autoridade, um atributo real. Ela carrega o brasão do rei, às vezes representado por um animal ou por um verdadeiro rebusco.

Os artífices envolvidos na fabricação da *récade* são, primeiramente, o escultor de madeira, depois o ferreiro ou um joalheiro da família Hountondji que a decora com motivos; esses motivos são executados de acordo com as instruções do rei. Uma vez terminada a *récade*, ela é entregue ao tecelão, Hantan Zinflou, para ser cuidadosamente embrulhada no tecido aplicado com as alegorias do rei antes de ser entregue a Sua Majestade. A *récade* real é reservada para Sua Majestade e torna-se um objeto de veneração que nenhuma pessoa comum deve usar. Somente o príncipe sucessor pode herdá-la. O rei costuma usá-la no ombro esquerdo, com o machado voltado para o chão quando aparece em público. Ele a segura ou a empunha com a mão direita durante as danças reais para marcar o ritmo.



III. 4 Récade clássica © Le Petit Musée de la Récade

4 Adandé (1962: 14).

5 Ibid.



III. 5 Récade clássica © Le Petit Musée de la Récade

O mensageiro da corte (Huî-Sagu), que carregava a *récade* como atributo de sua função como representante do rei, desfrutava de imunidade, e sua pessoa era muitas vezes sagrada. Qualquer afronta a uma *récade* era considerada um desafio para o rei e era punida com a morte. A *récade* autenticava a mensagem transmitida verbalmente, mas acima de tudo servia como passaporte, uma credencial, para o portador. Quando o portador chegava ao seu destino, ele se agachava diante do destinatário da mensagem, retirava a *récade* de seu estojo de pano e a apresentava respeitosamente. Pelo emblema da *récade*, o interlocutor reconhecia o remetente; imediatamente ele também se agachava como sinal de deferência e escutava atentamente a mensagem do rei. A *récade* foi assim uma ferramenta de co-

municação que desempenhou um papel importante na relação entre o rei e sua corte, e entre o rei e os governantes dos reinos vizinhos. Houve também um cortejo dedicado à esposa do rei que deu à luz ao herdeiro do trono. Ela usou esta *récade* em sua pessoa para atrair a atenção e o respeito. Devemos também mencionar as *récades* dos exércitos de Daomé chamados de Blu. Insígnia distintiva dos batalhões, elas lembravam um fato marcante, geralmente uma exploração de guerra. No dia em que o rei aparecia com uma *récade* designando um determinado batalhão, esse batalhão estava em serviço. Todos os guerreiros do batalhão levantavam suas armas no ar como sinal de submissão ao soberano, o líder supremo dos exércitos. Outras *récades* ostentavam as insígnias das principais divindades do reino. Elas foram usadas pelos sacerdotes durante os desfiles diante do rei, como parte das cerimônias oficiais. Nesta categoria estão as *récades* dedicadas a Hêvioosso, deus do céu, chuva, trovões e relâmpagos, a Sakpata, divindade da terra, a Dan Aïdohouedo, o arco-íris, e à divindade Dan, na forma de uma serpente.

Havia também bastões, incluindo o *Kpota*, um quebra-cabeça. Esse bastão foi usado como atordoador por Migan, ministro da justiça e executor do rei. A punição com esta arma foi reservada para aqueles que tinham violado a moral estabelecida ou que tinham cometido uma falta grave susceptível de trazer descrédito ao reino. A casa do culpado era cercada. Na frente da entrada, um homem de costas para a porta atirava o *kpota* sobre sua cabeça para dentro da casa. Assim que o bastão caía, a casa ficava alarmada, enquanto os homens que cercavam a casa entravam e continuavam a raptar as pessoas presentes no interior. Hoje em dia, a pessoa comum carrega uma *récade* como um bastão de parada. Considerado um objeto sagrado no passado, tornou-se um objeto de arte popular que



pode ser encomendado a artesãos, notadamente os descendentes de escultores e ferreiros da antiga Daomé. O cliente só tem que indicar os símbolos ou alegorias de sua escolha.

O museu também abriga espadas que honram a bravura das Amazonas de Daomé. Algumas foram usadas por elas no campo de batalha, enquanto outras foram simplesmente dedicadas pelo rei a esse exército feminino criado pela rainha Tassi Hangbé. Ela foi a única mulher a governar o reino por três anos (1708 -1711), após a morte de seu irmão gêmeo Akaba. Por ser mulher, ela foi expulsa do poder e seu nome foi apagado da sucessão cronológica dos reis; o patriarcado em vigor proibiu uma mulher de governar Daomé. Entretanto, Tassi Hangbé havia sucedido a Akaba, porque na crença dos daomeanos, os gêmeos são sagrados, são considerados como seres que encarnam a mesma alma.

Dois outros emblemas esculpido do Rei Glèlè estão em exposição no museu. Um deles tem um metal pressionado em sua boca; o papel desse metal era conferir um certo poder ao rei que o tocava de vez em quando com sua língua.

### **Récades contemporâneas**

O impressionante patrimônio artístico de Daomé é o cordão umbilical que permite à sociedade beninense de hoje se conectar com seu passado. Nesse espírito, o museu pediu a artistas do Benin e de outros países que revisitassem o cetro real. Eles propuseram *récades* contemporâneas que preservam e desenvolvem o estilo antigo inventado pelos artesãos de Daomé. As *récades* de hoje estão agora em diálogo com as peças antigas da exposição inaugural. Elas são simbólicas e desenvolvem vários temas.

Na obra de Gérard Quenum (il. 6), a cabeça do boneco coberta por cabaças empilhadas lembra o peso da realeza e das autoridades tradicionais na organização social do Benin nos dias de hoje. A *récade* em argila de Richard Korblah apresenta um camaleão carregando uma chave na boca e montado por um homem, sua cabeça salpicada de manchas brancas e rodeada de talismãs. Ela sugere que uma das chaves do sucesso está na capacidade de adaptação e na ligação mantida com os antepassados e outros espíritos protetores. Euloge Glèlé coloca um celular na lâmina da *récade* que fez, levando ao extremo a ideia de transmitir uma mensagem, ele mostra o papel da *récade* como meio de comunicação. Incrustado com molhos de chaves e moedas, o trabalho do artista Aston tira sua força do búfalo e da proteção de um bocio dotado de fusíveis. Ela ilustra o florescente reinado do rei Guézo, um dos mais famosos governantes de Daomé, que trabalhou para unificar o reino e a quem é atribuído o símbolo do pote perfurado. A tradição oral nos diz que Guézo, para mostrar sua força, matou com suas mãos um búfalo furioso que atravessava o reino. A parte dobrada da *récade* de madeira esculpida de Julien Vignikin é feita com a surdina de um trompete. Simbolizando o discurso abafado, esse acessório de um dos emblemáticos instrumentos musicais do jazz se refere ao tráfico transatlântico de escravos e à luta para defender suas expressões culturais. A *récade* no bico afiado do artista Niko fica como uma sentinela vigiando seus rebanhos, como um soberano, os seus filhos. Marius Dansou entrelaça fios de metal, parafusos e outras peças de máquinas para criar

um trabalho gracioso e elegante apesar da dureza do material; esta dualidade destaca a gama de funções do objeto. Remy Samuz exhibe um cetro de madeira esmaltado com fragmentos de metal, dominado por um leão rugindo. A lâmina, na forma de uma esfera feita de fios de ferro trançados, lembra os ninhos de aves tecelãs, as construtoras com plumas douradas. A obra presta homenagem ao rei Glèlé, que defendeu o reino dos repetidos ataques do imperialismo europeu. Benjamin Déguénon reúne um machado da divindade Hêviosso (em outra faceta de sua personalidade, ele é um justiceiro e golpeia os homens por seu mau comportamento na terra), uma cruz cristã e um altar de assen que materializa o espírito de uma pessoa morta. O assen é um símbolo metálico que liga o mundo dos vivos com o dos antepassados. Recebe oferendas de alimentos e bebidas. Essa *récade* traduz o sincretismo dos valores espirituais do mundo beninense contemporâneo. A *récade* do Príncipe Toffa, com sua lâmina afiada e vestida com as cores da Coca-Cola, alude à hegemonia mundial dos Estados Unidos com base em sua supremacia econômica e militar. A de Azébaba é revestida com fios brancos, vermelhos e pretos. Cada uma destas três cores tem um significado na cultura Fon. O branco simboliza pureza e paz, o vermelho expressa energia e às vezes perigo, enquanto o preto representa o mundo invisível na prática de Vodun. A presença delas nessa *récade* evidencia o poder espiritual dos soberanos Fons. Como desenhista, Tchif esboça uma série de *récades* que ilustram várias facetas do poder dos elementos: a terra com o mestre lavrador, a água com o pescador e sua Mami-Wata, o poder das dualidades yin e yang, e o poder dos vivos e dos mortos. Edwige Aplogan cria uma *récade* para o rei Adandozan (1797 a 1818), conhecido como um tirano particularmente sanguinário. Sua lembrança parece perturbar a memória coletiva a tal ponto que seu nome, seu reinado e seus símbolos são apagados da historiografia do reino. O cabo do trabalho é feito de esmalte de vermelhão e a lâmina de um redemoinho de fio de cobre. Destacam-se três rostos que, como a pessoa real encarnada, evocam figuras esquecidas na história. King Houndépinkou, um ceramista que busca a fusão da alma e da matéria, modela um tipo singular que mistura influências japonesas e beninenses. Refinado, seu trabalho parece ser uma carícia ao toque. É adornada com ornamentos cintilantes, combinando paixão e realeza através da combinação de folhas douradas e esmaltes de bronze ou de prata vermelha. O artista revisita a história da *récade* através do ato criativo e em resposta ao dever de lembrar. Dominique Zinkpè ilustra o significado de seu nome de família *Afô man sô dan kpon*: você não pode andar sobre uma cobra sem correr o risco de ser mordido (il. 7). O bastão da sua *récade* é formado por um réptil estilizado e a parte dobrada, por um pé com três dedos, evocando um deus do panteão Vodun, representado por um homem de uma só perna. O vidro, de cor verde cristalino e finamente esculpido, nos lembra que, mesmo que o poder brilhe, ele permanece não menos frágil. Por sua vez, Kossy Aguessy entrega uma *récade* com linhas puras e feita inteiramente de bronze polido (il. 8). Cada lado do bastão está gravado com seu nome em hieróglifo e o signo do *Fâ djogbé*.<sup>6</sup> Uma representação simbólica do artista, uma cabeça de macaco coroada, evoca tanto sua linhagem quanto seu destino, na junção de sua identidade física e espiritual. A *récade* mistura duas escrituras africanas provavelmente ligadas, uma vez que a geomancia do *Fâ* encontraria

<sup>6</sup> A palavra *Fâ* é usada pelos Fon. Os lorubás dizem *Ifa* e os Mina do Togo dizem *Afa*. A maioria dos autores concorda que *Fa* é o deus, ou o gênio da adivinhação, o intermediário entre os homens e os deuses. *Fâ* é uma ciência divinatória cuja origem se diz ter sido no antigo Egito. Foi introduzido no antigo reino de Daomé pelos lorubás da Nigéria. É consultado em todos os assuntos. *Djogbé* ainda é chamado de *Ogbe-medji*, ou seja, *Ogbe* duas vezes. Esse primeiro sinal de *Fâ* estaria na origem do mundo e contém os quatro elementos: fogo, ar, água e terra, cuja fusão dá vida. *Ogbe*, portanto, significa vida ou mundo.

as suas origens no Egito. Da mesma forma que as peças antigas que nos permitiram compreender a personalidade do soberano Fon representado, essas récades contemporâneas revelam a visão dos artistas locais sobre sua memória coletiva e sobre as principais preocupações sociais de nosso tempo.



Il. 6. Gérard Quenum, Récade contemporânea, 2015. © Le Petit Musée de la Récade



Il. 7 Zinkpe, Récade contemporânea, 2015. © Le Petit Musée de la Récade



Il. 8. Kossi Aguessy, Récade contemporânea, 2015. © Le Petit Musée de la Récade

## Récades antigas e contemporâneas em diálogo

O Pequeno Museu da *Récade* oferece ao visitante um espaço onde a tradição e a modernidade se encontram. O diálogo entre as peças impressiona e desperta em especial a consciência dos jovens, que desconhecem quase completamente sua história. Ao contrário dos doze reis registrados nos livros escolares e nas escolas, aqui descobrimos a história dos catorze reis de Daomé, incluindo o rei Adandozan e a rainha Tassi Hangbé, que agora foram reintegrados na história do reino através das *récades* contemporâneas.

A orientação no Pequeno Museu da *Récade* é feita em quatro idiomas, nomeadamente Fongbé, Mina, francês e inglês. Essa é uma abordagem pedagógica que permite a transmissão coerente dos objetos expostos no museu. Os idiomas locais Fongbé e Mina permitem que as pessoas sem escolaridade se beneficiem da visita da mesma forma que as pessoas com escolaridade. A escolha do francês é explicada pelo fato de ser a língua oficial de trabalho no Benin, e o inglês é particularmente destinado aos turistas internacionais. A visita permite que a população local, o público escolar e as crianças de Lobo-zounkpa, estudantes e pesquisadores se conectem com seu passado, descubram fragmentos de sua história, redescubram seu orgulho por sua identidade através do gênio, criatividade e know-how de seus antepassados. A restituição de objetos, nesse caso as *récades* de Robert Vallois e do Coletivo dos Antiquários de Saint-Germain des Prés, serve assim diretamente à tomada de consciência e ao aprendizado na sociedade original dos objetos artísticos e culturais. Sua presença nos bairros da classe trabalhadora e sua integração no ensino e na criação artística mostram a importância do contato de uma sociedade com seu patrimônio.

As *récades* contemporâneas desenvolvem e aprofundam o discurso. Os artistas contemporâneos oferecem reflexões sobre nosso tempo, sem se afastar da forma original inventada pelos artesãos de Daomé. Uma antiga máxima diz que "Kan xoxo nu é non gbè yoyor do": é no final da corda velha que a nova é tecida. Esse princípio de continuidade entre tradição e progresso é o aglutinante da identidade de cada indivíduo na sociedade beninense contemporânea. Um não pode existir sem o outro.

## Conclusão

Qual é o impacto do retorno dessas obras na afirmação da identidade e na reparação das feridas psicológicas ligadas à desumanização dos negros africanos no mundo durante o comércio de escravos e a colonização? Pode-se dizer sem sombra de dúvida que o público beninense que visita o Centro e o Pequeno Museu da *Récade* tem a sensação de redescobrir sua história e sua identidade perdida. Mas eles também se perguntam por que os europeus "doam" objetos que antes nos haviam tirado. Devemos tentar entender por que algumas pessoas optam por *doar*, enquanto outras preferem *devolver* obras pertencentes a sociedades que eles desapropriaram. Qualquer que seja o termo, tanto a doação quanto a restituição desconstruem o discurso anedótico fabricado por eminentes estudiosos ocidentais, que está na raiz

do racismo ainda em voga em nosso mundo contemporâneo e que persiste através do olhar “etnográfico”. Se o retorno dos objetos pilhados agora prova ao mundo inteiro que as sociedades africanas têm uma história, ao contrário do que tem sido ensinado por muito tempo nas escolas e universidades de todo o mundo, uma reescrita da história africana é necessária, para que esse novo discurso seja ensinado às crianças de todo o mundo através de livros escolares, a fim de preparar as gerações futuras para se aceitarem mutuamente com base na igualdade humana.

## Bibliografia

- Adandé, Alexandre, *Les récades des rois du Dahomey*. Dakar : Éditions de l'IFAN, 1962.
- Colonomos, A., “De la réparation à la restitution : trajectoires philosophiques d'une histoire ”, *Raisons politiques*, vol. 5, n° 1 (2002) : 157-169.
- Cuartas, P., “Les objets de mémoire ou la ruine au quotidien”, *Sociétés*, 120, vol. 2 (2013) : 35-47.
- Fanon, F., *Les damnés de la terre*. Paris: La Découverte, 2002.
- Ferrier, J., *La forme et le sens. Éléments pour une sociologie de l'art*. Paris : Denoël/Gonthier, 1969.
- Galerie Vallois, *Hommage au Bénin : vingt artistes contemporains béninois*, Verona : Grafiche Aurora, 2015.
- Galerie Vallois, *Le Petit Journal des Galeries Vallois Paris-Cotonou-Paris*. Verona : Grafiche Aurora, 2018.
- Gurnade, M.-M. and Marcel, J.-F., “La restitution comme espace de confrontation de savoirs pluriels : le cas d'une recherche-intervention”, *Nouveaux cahiers de la recherche en éducation*, 18(2), (2015): 31–55. <https://doi.org/10.7202/1036032ar>.
- Houdart, S., and Thiery, O., (eds.), *Humains, non-humains. Comment repeupler les sciences sociales*. Paris : La Découverte, 2011.
- Hugo, B., “La théorie des restitutions en bonne forme ! Préservée de l'enrichissement sans cause et de la concentration des moyens”, *Revue trimestrielle de droit civil, Dalloz*, 2015.
- Luste, B., S., Cohen, J., Zougari, N. and Simon, P., “Décoloniser les savoirs: Internationalisation des débats et des luttes”, *Mouvements*, 72 (2012) : 7-10. <https://doi.org/10.3917/mouv.072.0007>
- Plisnier, V., (dir.) *Le petit musée de la récade : depuis décembre 2015*. Cotonou : 2015.
- Sarr, F., and Savoy, B., *Rapport sur la restitution du patrimoine culturel africain. Vers une nouvelle éthique relationnelle*. Paris : Philippe Rey, Seuil, 2018.
- Tchibozo, R., “Le masque guèlèdè à l'épreuve des frontières : les cas de Bantè et Kaboli”, in Théodore Nicoué Lodjou Gayibor (dir.), *Peuples et Frontières dans l'espace ouest-africain*, Lomé: Presses de l'UL, Collection PATRIMOINES, n° 15, 2013.